



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez. 2025
p. 292-301

Fios desencapados: diálogos sobre o processo criativo de um filme sobre hiv/aids

(Bare wires: dialogues about the creative process of a film about hiv/aids)

(Cables desnudos: diálogos sobre el proceso creativo de una película sobre vih/sida)

Ramon Victor Belmonte Fontes¹
Padmateo Mato Grosso Menezes²

RESUMO: A escrita ensaística pretende refletir sobre o processo criativo de produção e filmagem do filme “BAREBACK em si bemol (Bb)” (2024), bem como da recepção pública da obra. Feito por duas pessoas que vivem com hiv/aids, na quarta década da epidemia no Brasil, a película expõe narrativas autobiográficas, a discussão sobre a cura, uma percepção sobre a medicalização acrítica que atravessa as pessoas que vivem com hiv/aids entre outros assuntos. Produzido como um diálogo expandido entre as pessoas realizadoras do filme nossa intenção é a de manter vivo o debate sobre a epidemia, ao mesmo tempo em que convidamos as pessoas leitoras para um exercício de implicabilidade e responsabilização sobre as imagens que decidem/decidimos manter no imaginário e na oralidade a respeito do hiv e da aids.

PALAVRAS-CHAVE: hiv; aids; bareback; cura; cinema contemporâneo.

Abstract: The essay writing aims to reflect on the creative process of producing and filming the film “BAREBACK em si bemol (Bb)” (2024), as well as the public reception of the work. Made by two people living with hiv/aids, in the fourth decade of the epidemic in Brazil, the film exposes autobiographical narratives, the discussion about the cure, a perception about the uncritical medicalization that affects people living with hiv/aids, among other topics. Produced as an expanded dialogue between the people who made the film, our intention is to keep the debate about the epidemic alive, at the same time as we invite readers to an exercise of implication and responsibility regarding the images that they decide/we decide to keep in the imagination and orally regarding hiv and aids.

Keywords: hiv; aids; bareback; cure; contemporary cinema.

Resumen: La redacción del ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre el proceso creativo de producción y rodaje de la película “BAREBACK em si bemol (Bb)” (2024), así como la recepción pública de la obra. Realizada por dos personas que viven con vih/sida, en la cuarta década de la epidemia en Brasil, la película expone narrativas autobiográficas, la discusión sobre la cura, una percepción sobre la medicalización acrítica que afecta a las personas que viven con vih/sida, entre otros temas. Producida como un diálogo ampliado entre las personas que hicieron la película, nuestra intención es mantener vivo el debate sobre la epidemia, al mismo tiempo que invitamos a los lectores a un ejercicio de implicación y responsabilidad respecto de las imágenes que ellos deciden/decidimos mantener en la imaginación y oralmente sobre el vih y el sida.

Palabras clave: vih; sida; bareback; a pelo; curar; cine contemporáneo.

1 Doutor em Literatura e Cultura (UFBA), mestre em Cultura e Sociedade (UFBA) e professor no curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia (Salvador/Bahia). E-mail: ramon_fontes@hotmail.com.br

2 Vive e trabalha entre Salvador (BA) e Jequié (BA). É mestranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, pós-graduanda em Crítica e Curadoria pela PUC-SP e graduada em artes pela Universidade Federal da Bahia. Artista transdisciplinar, curadora da Bienal de Performance da Bahia e editora da Revista Do Hiato, Litígio. E-mail: oipadmateo@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 30/06/2024
Aceito em 06/10/2025

“Dindun, dindun hĩ tá lara oyin” - “A doçura nunca acaba com o mel” / Owé, livro de provérbios, Mãe Stella de Oxóssi

Estes fragmentos literários surgem como que tentando dar contorno às inquietações que motivam duas pessoas vivendo com hiv/aids, no contexto da quarta década da epidemia no Brasil, a produzir um filme³ sobre as imagens detectáveis, explícitas e excessivamente performadas sobre o vírus da imunodeficiência humana, mas também sobre aquilo que ficou indetectável, obliterado e estrategicamente deixado de lado ao longo desses quarenta anos da questão, sobretudo aquilo fabulado como “cura”. A proposta das linhas que se seguem é a de produzir um diálogo expandido entre o processo criativo (a elaboração do roteiro, as idas e vindas dos nossos desejos sobre o filme, as desistências, as insistências, quais imagens os nossos corpos estavam/estão dispostos a disputar etc.) e a recepção das primeiras exposições públicas do corte final. É preciso dizer que a decisão de escrever da maneira que escrevemos, aqui, parte da leitura impactante de “Arte_cuações em anticuradoria”, uma proposta lítero-sonora, também, entre Bruna Kury e Pêdra Costa, que figura na emblemática publicação NEGROS NA PISCINA: Arte contemporânea, curadoria e educação (2023), organizado por Diane Lima. O que escrevemos aqui, em relação à forma textual, aproxima-se mais de uma escrita ensaística, de fato inconclusa, ou talvez um desenho daqueles que fazíamos na infância, quando pegávamos duas canetas de cores diferentes, posicionando-as entre os dedos e dançando a escrita ou o traço de maneira dupla, repetível, diferente e ecoante.

Ramon - A ideia de trabalharmos juntas veio do convite de Pad. Já conhecíamos os trabalhos uma da outra e, de fato, havia um desejo de encontrar algum fio solto, desencapado, que produzisse as faíscas necessárias para essa produção, via linguagens artísticas. O projeto inicial, que em algum momento poderá acontecer também, era de uma palestra-performance, que ficaria em cartaz do dia 1 de dezembro de 2023, Dia Mundial de Luta contra a Aids, ou como eu prefiro dizer, Dia Mundial de Conscientização sobre o hiv/aids, até mais ou menos o final da primeira quinzena do mês. Já tínhamos desenhado o local e rascunhado possibilidades cênicas, mas aí começamos a etapa da sala de ensaio e a gente teve a percepção, juntas, que o que estávamos querendo dizer, gritar e colocar em cena era algo que poderia ser bem melhor trabalhado numa linguagem cinematográfica. As experimentações sonoras, a perspectiva do desconforto de tocar na ferida do hiv/aids e remexer com as imagens estigmatizantes, a subversão oriunda da guerra das imagens e da linguagem, sobretudo ao bater de frente com a epidemia discursiva (Bessa, 2002) que narrou o hiv/aids ao longo de duas ou três décadas mais ou menos, a vontade de fazer com o

3 O curta metragem pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=ph-oGI0pfKw>.



que o debate sobre a atualidade da epidemia circulasse para além de nossas bolhas, quase sempre de pessoas “iniciadas na temática” e, por vezes, círculos muito restritos de discussão, ou melhor, bolhas que muitas vezes deixam de lado a dimensão sensível e artística, bem como a subjetividade da pessoa que vive com hiv/aids na agência de sua condição crônica de saúde, isto é, questões importantíssimas que orbitam a epidemia desde o seu surgimento. Um filme, com sua capilaridade nos festivais de cinema, de exposições públicas ou até mesmo do hackeamento e compartilhamento do link entre amigos, inimigos e toda uma sorte de gente, certamente ajudaria a propagar o debate que pretendíamos. De minha parte, aceitei o convite de Pad, pois tinha algo da língua, da linguagem e da literatura expandida que estava, e segue, me interessando. Sobretudo, porque à época havia uma escrita de uma tese de doutoramento sendo por mim mobilizada, justamente com e a partir de artistas negres brasileiros que vivem abertamente com hiv e produzem arte contemporânea a partir desses atravessamentos identitários. Acho que por ser uma pessoa que vive abertamente com a sorologia para o hiv exposta talvez tenha servido como um convite para a Pad, uma espécie de ancestralidade posithiva que se irmana na produção de arte. E foi deste caldeirão que surgiu o filme “BAREBACK em si bemol (Bb)”.

Padmateo – Tinha um desejo inicial, dito desde o começo nos nossos encontros: eu queria ser suspensa por ganchos em minha pele. Inicialmente na nossa palestra-performance, com o público atônito aos movimentos do *Body Piercing* e depois nas telas de cinema. O filme inicia expondo um pêndulo humano, o meu corpo trans não binário e soropositivo tateando o ar, numa imagem complexa e pra mim, talvez, o perfeito verbo de expor publicamente em performance um hiato coercitivo, existente em mim. Ramon soube de minha soropositividade na garupa de minha moto, num caminho para um banho de cachoeira no interior da Bahia, ele já estava há algum tempo expondo publicamente e pesquisando seu corpo e o corpus coletivo com hiv+. Sentia a necessidade de “sair do armário” e preferencialmente através de um objeto artístico, pois achava absurdo em mim admitir um certo silêncio dentro, esse certo hiato, como se meu corpo comprasse e aceitasse a dimensão do trauma, da imagem já puída, quando sempre estive “performativamente subversiva” ao imposto solidificado em minhas condutas. Ali na moto, com Ramon, já tinha uma performance acontecendo: revelar um silêncio coercitivo em alta velocidade numa BR a caminho de uma cachoeira. Poderia ser um programa performativo! Fato é que me interessa a ideia de adrenalina, essa alteração química corporal instantânea que nos é produzida em situações de perigo, de risco, de dor e nos gera um extremo prazer, não necessariamente anestesiante. A adrenalina é a possibilidade de coexistir nas duplicidades da contradição, é uma linha muito tênue, como a vulnerabilidade de revelar-se em cima de uma moto na BR. Aquele corpo que estava em minha



garupa ouvindo revelações-de-hiatos-coercitivos já sabia exatamente a composição química do momento, já tinha uma gama de vivências e pesquisas sobre o seu corpo e outros tantos corpos vivendo com o vírus. Não à toa, segurava a minha cintura num abraço, como-toda-pessoa-que-anda-em-garupas e ali talvez, a melhor ilustração possível sobre esse encontro: a medida em que revelo estou acolhida e ao mesmo tempo ele também está seguro, naquele instante de coletividade. E tudo seria processo para as palavras e imagens que constituem o filme, como o mel derramado sobre as mãos enquanto convida os ensinamentos de Mãe Stella de Oxóssi, pra pensar as imagens de cura na cena 3. Desde o princípio, Oxum!

Queria meu corpo suspenso logo no começo, como adrenalina, como a contradição entre a dor e prazer, entre perigo e coragem, entre esse hiato e o preenchimento do espaço com um corpo pendular. Precisava que ele expressasse todas essas palavras enterradas em mim durante um bom tempo, nesse expurgo químico, antes mesmo que viesse qualquer verborragia dramatúrgica.

Ramon – Lançamos o filme no dia 28 de março de 2024, com exibição na Sala de Cinema do Museu de Arte Moderna da Bahia. Para a data, véspera de um feriado, tivemos aproximadamente 80 pessoas nessa estreia. Um feito! Na plateia, variadíssima, tínhamos psicanalistas formados e em formação, professores, estudantes, familiares nossos, gente do ativismo do hiv/aids, profissionais de variadas especialidades da saúde, da cultura e da educação. Após a sessão abrimos para um debate e as questões começaram a surgir! Queriam saber sobre o título do filme (risos). É uma provocação, na real! Como a imagem do hiv/aids foi sendo construída quase que como cognato da camisinha, uma espécie de imagem acústica imperativa: HIV/AIDS = CAMISINHA! A gente pensou: não é possível que em quase cinco décadas de epidemia nenhuma outra imagem surgiu! Daí a gente quis provocar mesmo, fazer menção à contranarrativa viral, daí o nome Bareback. Esse nome se refere à prática de fazer sexo penetrativo (seja ele vaginal ou anal) sem a presença da camisinha, ou como comumente ouvimos falar na linguagem cotidiana: “meter na chapa”, “fuder no pêlo”, “transar na pele”, “curtir sem capa”, “tentar engravidar”... Essa é uma prática sexual muito comum, não só na comunidade LGBTQIAPN+, mas sobretudo na comunidade cishétero, quando busca justamente seguir os mandamentos cristãos de procriar, ter filhos, construir o ideal de família nuclear. Quando pensamos nesse título a ideia era justamente deslocar esse imaginário do hiv, como se construído numa perspectiva de desproteção, para um movimento onde iríamos falar das nossas vivências a partir de outro lugar, outra posição subjetiva que não a lógica sexual. Bareback, nesse contexto, portanto tem a ver com o fato de que as imagens do nosso filme ocorrem quando eu entro completamente no corpo de Pad e ela entra completamente no meu corpo, é uma espécie de mergulho que fazemos desde a boca até o nosso ânus, percorrendo em cada momento



as entranhas uma da outra, desprotegidas de nossas certezas, abertas às possibilidades incertas e precárias do encontro. De lá de dentro, e só de lá de dentro, somos capazes de compreender o vírus uma da outra, de compreender como cada uma lida diariamente com a ingestão dos antirretrovirais, de compreender como os diferentes metabolismos processam molecular e molarmente os efeitos do racismo, da sorofobia, da lgbtqifobia e toda uma amplitude de violências que atravessam as nossas vidas precarizadas. Ainda uma coisa bacana sobre o título é que ele guarda essa broma, esse chiste, essa piada sobre e com a natureza musical de nosso filme, isto é, já no título queríamos demarcar esse espaço criado esteticamente como um espaço caótico, ruidoso, um espaço capaz de abrir para o *nonsense*, o “aparentemente” sem sentido, o não dito, o inaudível, o opaco, ou aquilo que Leandra Lambert (2012) vai chamar de terceiro som, esse *espaçotempo* que abre para algo que está pra além do óbvio, aquilo que nos termos deleuzianos daria passagem para uma diferença, uma diferenciação. Ao mesmo tempo, a referência direta à linguagem musical (opereta em si bemol) sugere justamente essa experimentação *jazzística* ou esse espafro, como nos ensinou Naná Vasconcelos. Ainda brincando com as possibilidades da língua e da linguagem, se você for aprender cifra musical você vai ver que a nota “si” é grafada como um “B” e o bemol (b), bem, o bemol já é um pequeno b, então a piada, o chiste e a broma permanecem (Bb), ou seja, na linguagem dos aplicativos de pegação, geralmente utilizados pela população gay, trans, travesti, não binária e homens que fazem sexo com homens (na acepção da Organização Mundial da Saúde), aquelas pessoas que preferem, consensualmente, manter uma relação sexual sem camisinha são chamadas de BB (bebê), uma alusão direta à prática de sexo bareback. Então, Bareback: opereta em si bemol (B $\flat$) contém crítica, contém narrativas de si, contém narrativas de se (talvez), contém narrativas sobre paisagem sonora, contém narrativas sobre hiv/aids, contém narrativas sobre bar, contém narrativas sobre voltar (back), contém narrativas sobre bar e beck... Enfim, tá tudo aí, misturado nesse caldo pop que a década de 1980 nos legou como argumento político, mas também como um trauma social.

Padmateo - A fabulação do cinema nos convidava, nós precisávamos nos engolir, descer pelo estômago, pelas vísceras. Optamos por utilizar imagens de fibra óptica numa endoscopia para grafar essa narrativa épica. Aqui entramos numa duplicidade interessante entre pesquisas, provocando uma chuva metafórica de caminhos: se somos vigiadas dentre nossos marcadores, se “esconder” nas vísceras de um corpo outro é tornar-se emancipada da espreita panóptica. Na caminhada entre as vísceras de Ramon, me torno emancipada de qualquer marcador externo, pois me transformo automaticamente em uma imagem turva, interna, como as de raio x ou de ecografias. Ironicamente, esses corpos em que entramos, o meu e dele, são estabelecidos pelo *status quo* enquanto corpos perigosos para acessos côncavos ou convexos. Criamos no filme uma



autoironia, um deboche, em que o Corpo-Perigo é o único lugar possível de segurança. Ademais, o brinquedo da ideia de indetectabilidade. Quando entro em um corpo Indetectável ($I = I$)⁴, como o dele, me torno indetectável para as câmeras de segurança, olhares roteirizados e normativos do mundo externo, me torno livre de estigmas ultrapassados estabelecidos ao longo da história. Toda essa dança literária e metafórica nos leva a Bareback, a essa composição de *fist*-de-corpo-inteiro, a essa incorporação. Nos era caro imaginar um diálogo com o vírus nessa jornada microscópica: O que meu vírus te disse? Era uma das nossas indagações iniciais. Se o vírus tivesse voz, o quealaria? O que gritaria? Somente esse encontro íntimo e intra poderia aquendar a voz do vírus, para além, expulsá-lo. É nesse tobogã corporal que também dançamos a cura.

Ramon - Fizemos duas exposições públicas do filme e uma coisa curiosíssima é o efeito de silêncio que paira quando abrimos para as discussões! Até as pessoas se sentirem confortáveis para comentar algo, perguntar algo, há esse lugar do silêncio que a gente, como mobilizadores do debate, decide sustentar. A princípio pode ser constrangedor e inquietante permanecer em silêncio, encarando a plateia à espera das falas, pode parecer uma ausência, um desinteresse ou até uma recusa em digerir o que trazemos nas imagens, nos sons e nas legendas. Mas fiquei matutando depois: esse silêncio não seria justamente o eco daquilo que não se quer/se pode dizer publicamente, sem o risco de ser rapidamente julgado pelas lentes coloniais? Em ambas as apresentações, dirigindo-me à plateia, eu expressei: “Esse efeito de silêncio é até esperado, mas vamos fazer assim: vamos sustentar ele até vocês se sentirem mais desconfortáveis e, querendo ou não, decidam se implicar nesse processo de falar sobre essa epidemia que se arrasta há quatro décadas, matando sobretudo a população racializada e dissidente de gênero e sexualidade!”. Dito isso, algo no corpo e na garganta das pessoas parece surgir como um efeito, as pessoas começam a se mexer na cadeira, mobilizar o tronco se preparando para falar algo, levantando as mãos para se inscrever. Acho que está aqui o convite explícito que o vírus do hiv impõe para as subjetividades ainda alheias ao debate. Não que falar seja o único lugar possível de encontro, mas é sobretudo por ela (a fala) que algo dessa máscara colonial é estilizada, como diz Conceição Evaristo (2017). Uma outra questão que anda juntinho desse espectro do silêncio é que o filme foi pensado, de maneira muito proposital, sob os auspícios da literatura, ou seja, diante da rasteira do poema, em cada encontro, nós e as pessoas que o assistem devem fazer um exercício que não é o da interpretação,

4 O argumento principal dos ativismos contemporâneos em torno do hiv/aids é o de que pessoas que vivem com hiv, que estão em tratamento e possuem carga viral indetectável, não transmitem o vírus para outra pessoa, portanto, são intransmissíveis. A estratégia discursiva gira em torno da equação $I=I$ (indetectável é igual a intransmissível), ou em inglês, $U=U$ (undetectable is untransmittable). Os estudos que embasam a eficácia do $I=I$, publicados em revistas científicas internacionais renomadas, são **Estudo HTPN 052** (2016); **Estudo PARTNER** (2016); **Estudo Opposites Attract** (2014; 2017); **Estudo PARTNER 2** (2018). Todos os links para acesso aos estudos encontram-se nas referências e eles foram acessados em: 29 jan. 2025.



da decodificação das imagens para tentar entender o que dizemos, pelo contrário, é um exercício de composição conjunta, é como se o filme expressasse de maneira aberta e expandida o seguinte desejo: “e aí, como você segue escrevendo e contando essas histórias, atravessadas pelo estigma, pela abjeção, pelas imagens de morte? Você reitera elas ou você decide romper com elas para pensar outros horizontes, inclusive de vida?”. Acho que é aqui que o poema ensina a gente a cair, como diz um poema que não me recordo agora. Cair como exercício, cair como caminho, cair como projeto de saber gingar. É nesse lugar, importante dizer, que a fabulação crítica da Saidiya Hartman (2021) nos ajuda no exercício de contar sobre aquilo que não foi amplamente contado, aquilo que foi sendo esquecido ao longo dos anos, aquilo que foi sendo silenciado, isto é, a cura! Vivemos há quarenta anos e até hoje não há uma cura, pelo menos nos termos biomédicos. Não é nosso objetivo entrar nos pormenores dessa inexistência, mas queríamos ressaltar no filme, que ela ainda não existe (nos termos farmacológicos) por uma vontade política de não pautar esse debate. Diante dessa má vontade, o que é que a gente faz? Retorna com a cura! A gente faz a mobilização dela, a gente conjura ela, a gente sonha com ela, a gente deseja ela, a gente traz para o campo do possível e do impossível, que é a linguagem.

Padmateo - Castiel Vitorino Brasileiro (2021), em sua dissertação, utiliza a palavra cura cento e cinquenta e nove vezes. Não à toa exprime a urgência do fim do adoecimento e dessa sustentação colonial do trauma, da mente, do farmarcopornô (Preciado, 2018). Sustenta, sobretudo, que a cura se dá no encontro, no ato performativo de encontrar-se. O nosso processo partiu daí, num primeiro momento no encontro efetivo (não encenado), mas ainda performativo: a garupa de uma moto. Depois os encontros da sala de ensaio pra entender e desentender nossas diferenças, nossas similaridades e os nossos anseios com as palavras e linguagens do que viria a ser. Depois o encontro encenado pra câmera, o encontro entre as vísceras na fibra óptica, a ideia da aglutinação na incorporação entre um corpo e outro, nos *contacts improvisations* que sugerem o filme, etc, etc. Depois o encontro com o público e como o filme segue ganhando sua dimensão, nessa linguagem que é, desde antes das definições benjaminianas, pirata e massificada. Nada melhor que uma linguagem virológica para repensar o vírus. É nessa série de encontros que imaginamos e proclamamos essa cura coletiva, desde sempre. Entendemos desde o início que a nossa obra não-pedagógica não nos serviria como auto-dramaturgia ou espécie de documentário, embora saibamos que toda arte é documental e que ali (também) existia o nosso próprio processo de cura. Mas não era sobre mim, não é! E nem sobre Ramon, justamente por ser viral, no intuito de encontrar gente, de falar sobre a gente de uma forma radical - Daí também vem os nomes nos



créditos a qual obra é dedicada, pois também pertence a elas⁵. Lembro que em uma das exibições públicas do filme falei com as pessoas que ali não havia uma tentativa pedagogizante, mas uma fúria, um ataque, uma agressão, contrapondo-se a uma ideia normativa, higienizada inclusive, de cura - a “namastética”, a meditativa. Furar as minhas costas com um gancho e sangrar era o ato curativo que me faria pôr as palavras pra fora. Convidar o público a esse violência ocular, ou convidá-los a incorporar-se⁶ em nós é um chamamento a cura!

Curar-se, fazer do ato de lembrar, uma fabulação do ressentimento e do rancor às perdas e ao esquecimento – e as perdas do esquecimento –, mas na cura ainda há raiva. A cura é um uso da raiva (Lorde, 2013). A cura é movimento inominável, ou o movimento de tornar-se inominável. Percebo a cura como um acesso àquilo que é inexistente na temporalidade moderna. A cura é conseguir experimentar-se no que nos dizem ser impossível, ou seja: viver a incorporação exusiativa, viver o equilíbrio das forças e formas que se diferenciam, viver e gozar na encruzilhada. (Brasileiro, 2021).

Na verdade não se conclui um texto que se pretende processual! Cada pessoa que puder encontrar esses fragmentos literários, de um tipo bastidor, saberá que tem apenas algumas pistas precárias sobre maneiras de encontrar as nossas imagens, sonoridades e textualidades.

Nesses interstícios, filme-ensaio, ensaio-filme, como já dito, não conclusivo, percebo que ainda estou caindo sobre as vísceras de Ramon, ainda desço pelo seu corpo, como uma espécie de brincadeira séria, brincadeira-navalha, brincadeira-pesquisa. Vice-versa. Ainda sinto ele dentro. Nós combinamos que não íamos nos vomitar, mas permanecer no processo digestivo. É interessante perceber como vão surgindo novas miras, ideias e fabulações poéticas a partir de um produto que fizemos questão de deixar arestas não lapidadas, caminhos brutos, para justamente ser sempre novo, inclusive pra gente.

Vale dizer e ratificar que nossas experimentações não seriam possíveis sem o fomento público e extensionista da Universidade Federal da Bahia, via PROEXT (Programa de apoio às atividades extensionistas). Contra todo manifesto protofascista que se ergueu nos últimos tempos, o filme comprova a importância da troca Universidade e sociedade, ao que enquanto caminhamos em bareback um pelo corpo do outro, caminhamos também por cidades, auditórios, páginas e principalmente telas, numa narrativa não tradicional aristotélica, permitindo inclusive um acesso, não só da narrativa pontuada por nossos corpos, mas também esrachado, de uma linguagem contemporânea e urgente.

5 O filme é dedicado a artistas como Franco Fonseca, Língua Acácio, Xan Marçall, João Nyn, Bruna Kury, Lui, Maria Sil, Micaela Cyrino, Pietra PoetaMarginal, Kako Arancibia, Leandro Noronha, Rafael Brito, Lírio Nascimento, Hiura Fernandes, Márcio Junqueira, David Costa, Fabiano de Freitas, João G. Junior, Ramon Nunes Mello, Ronaldo Serruya e alguns outros vários nomes, distribuídos numa multidão dissonante, que tem irmanado para pensar a cura do velho vírus colonial, sobretudo no campo das linguagens artísticas.

6 “A cura é também uma incorporação” (Brasileiro, 2018, p.56).



Dia desses uma frase do Grande Sertão: Veredas (2021) ecoou pelas bandas de cá e é mais ou menos assim: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem!”, é a coragem, né, bicha? Coragem para estar dentro, para jamais se deixar sucumbir! Cair, talvez, sucumbir, nem em pensamento, por isso, bar e beck!

Referências

BAVINTON, B. R., Jin, F., Prestage, G. *et al.* The Opposites Attract Study of viral load, HIV treatment and HIV transmission in serodiscordant homosexual male couples: design and methods. BMC Public Health, v.14, n.917, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-917>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BESSA, Marcelo Secron. *Os perigosos: autobiografias & AIDS*. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Tornar-se Imensurável: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade*. 2021, Dissertação (Mestrado) n- Universidade de São Paulo, São Paulo., 2021.

CAIRNS, Gus. *Zero transmissions mean zero risk* – PARTNER 2 study results announced. AIDSMAP, 24 jul 2018. Disponível em: <https://www.aidsmap.com/news/jul-2018/zero-transmissions-mean-zero-risk-partner-2-study-results-announced>. Acesso em: 29 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. *Revista Carta Capital*. 13 mai. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: Clara BARZAGHI, Clara; Stella Z. PATERNIANI, Stella Z.; , Adré ARIAS, André (org.). *Pensamento Negro Radical*.; traduzido por Allan K. Pereira ... [et al.]. - São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 Edições, 2021.

HIV Prevention Trials Network (HPTN) 052 Study Team. Antiretroviral Therapy for the Prevention of HIV-1 Transmission. *The New England Journal of Medicine*, v.375, n.9, 2016. DOI: 10.1056/NEJMoa1600693. Acesso em: 29 jan. 2025.

KURY, Bruna; COSTA, Pêdra. Arte_cu_ações em anticuradoria. In: NEGROS NA PISCINA - Arte contemporânea, curadoria e educação. 1. ed. - São Paulo: Fósforo, 2023.

LAMBERT, Leandra. O terceiro som e a diáspora nos interstícios. In: ROCHA, Aldene et al. *Caderno de comunicações: Seminário vômito e não: práticas antropológicas na arte e na cultura*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.

LORDE, Audre. *Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo*.



Portal Geledés. São Paulo. 19 maio 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

OXÓSSI, Mãe Stella de. *Òwe*. Salvador: BA, s.d.

PRECIADO, Paul. *Testo Junkie*. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RODGER AJ, Cambiano V, Bruun T, et al. Sexual Activity Without Condoms and Risk of HIV Transmission in Serodifferent Couples When the HIV-Positive Partner Is Using Suppressive Antiretroviral Therapy. *JAMA*. v.316, n.2, p.171–181, 2016. doi:10.1001/jama.2016.5148. Acesso em: 29 jan. 2025.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. - São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

VASCONCELOS, Naná. Espafro. *Álbum Amazonas*, Universal Music Ltda, 1973. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3wJnZKJ2lnoCQtk5LfUZh?si=30eee28cfb8441f6>. Acesso em: 29 jan. 2025.

